



- **LÍNGUA**

A INSERÇÃO DO “CONTÍNUO PORTUGUÊS GUINEENSE” ÀS VARIEDADES AFRICANAS DE PORTUGUÊS

Márcia Santos Duarte de Oliveira*

João Paulo Baio**

Basilio Félix Injai***

Resumo: Neste trabalho, propomos o “Contínuo Português Guineense L₂” inserindo-o nas variedades africanas de português com substrato crioulo. Logo, revisitamos o contínuo que se vê em Couto e Embaló (2010) e ainda as “variedades africanas de português” propostas em Figueiredo (2010). Introduzimos ainda os primeiros resultados das pesquisas com duas variedades de português guineense: “português acadêmico guineense” e “português crioulo guineense”.

Palavras-chave: contínuo português guineense; variedades africanas de português; substrato crioulo.

INTRODUÇÃO

■ **A** Guiné-Bissau, antiga Costa da Guiné, é uma das primeiras colonizações portuguesas no mundo. Foi “alcançada” em 1446 por Nuno Tristão, morto em uma chacina por indígenas locais na conquista (possivelmente da etnia mandinga), e no ano seguinte, por Álvaro Fernandes (cf. MOTA, 1946, p. 15, 68). É um país com cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes, situado na costa oeste africana, fazendo fronteira ao norte com o Senegal; a este e sudeste com a Guiné-Conacri (Senegal e Guiné Conacri são países de colonização francesa); a sul e oeste com o oceano Atlântico.

* Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora pela Universidade de Coimbra (Portugal). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). *Email:* marcia.oliveira@usp.com.br

** Estudante do Programa Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G/USP). Orientando de Iniciação Científica da Profa. Márcia S. D. de Oliveira.

*** Estudante do PEC-G/USP. Orientando de Iniciação Científica da Profa. Márcia S. D. de Oliveira.

Segundo Couto e Embaló (2010, p. 28), em Guiné-Bissau são faladas

[...] cerca de 20 línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua. [...] Estas línguas coabitam com o crioulo, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa.

Ainda, segundo Couto e Embaló (2010, p. 28-29), as principais línguas faladas no país são: 1. fula; 2. balanta; 3. mandinga; 4. manjaco; 5. papel; 6. felupe; 7. beafada; 8. bijagó; 9. mancanha; 10. nalu. Para os autores, a porcentagem aproximada de falantes dessas línguas difere entre diferentes bases de dados. No entanto, a sua ordem de apresentação (como o fazemos aqui de 1 a 10), expressa sua importância numérica no país em todas as bases de consulta.

É preciso destacar o crioulo de Guiné-Bissau, falado por cerca de 75%/80% da população, e que, segundo Kihm (1994, p. 4), “estava mais ou menos formado no séc. XVII”. De acordo com Doneux e Rougé (1988, p. 2), o crioulo de Guiné-Bissau é um “sistema” que não apenas auxiliou a comunicação entre portugueses no país, mas é a língua de comunicação interétnica. Os autores afirmam que, quando grandes cidades como Cacheu, Farim, Bissau e ainda Zanguinchor (no Senegal) foram formadas, o crioulo da Guiné tornou-se a língua de diferentes grupos sociais que para lá imigraram.

A definição de língua crioula que assumimos neste trabalho é aquela que aponta línguas crioulas dentro de um contínuo *pidgin/crioulo*:

De acordo com Holm (2000), (2004), línguas crioulas se diferem de outras línguas completamente reestruturadas como as “misturas bilíngues” (também chamadas de “intertwined languages”), por exemplo, que se desenvolveram fora de um “continuum pidgin” (ou pré-pidgin). [...] Na pidginização, os falantes de um superstrato (ou língua fonte do léxico) – por definição, o grupo mais “poderoso” política e socialmente – cooperam com falantes de línguas do substrato – sem influência social – para criarem uma língua do tipo emergencial. Isto ocorre a fim de que preencham uma necessidade de comunicação com propósitos específicos (ex.: comércio). Esta “cooperação” ocorre pela ausência de uma língua em comum. Logo, os falantes das línguas do substrato têm a tarefa, nesse processo, de aprender o léxico do superstrato. No entanto, a fim de facilitar a compreensão, os falantes da língua do superstrato imitam a forma como os falantes das línguas do substrato falam sua língua (o superstrato). Logo, o resultante pidgin, embora possua algumas normas, não é a língua nativa de nenhum dos grupos que a falam.

[...]

A pidginização produz uma língua não nativa, reduzida e simplificada (que pode ser expandida por gerações ao encontrar novas necessidades comunicativas). Diferentemente, a crioula produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão complexa como o é qualquer outra língua natural, mesmo sendo estigmatizada por razões sociolinguísticas (OLIVEIRA; HOLM, 2011, p. 30).

O crioulo de Guiné-Bissau é historicamente ligado ao crioulo de Cabo Verde. Segundo Kihm (1994, p. 4), a visão tradicional apontada na literatura é que a criouliização primeiro se deu em Cabo Verde e então esse crioulo foi mais tarde transplantado para o continente; os agentes da “transferência” teriam sido os *lançados*: aventureiros que se tornaram a personagem principal no processo de colonização da África (cf. COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 20).

Neste trabalho, nosso objetivo é propor um “Contínuo Português Guineense L₂” e ainda inseri-lo ao conjunto de “variedades africanas de português com substrato crioulo”. Na segunda seção apresentamos aspectos da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau e a proposta do Contínuo de Couto e Embaló (2010); na terceira seção revisitamos o Contínuo de Couto e Embaló (2010), propondo ainda a inserção do Contínuo Português Guineense L₂ como parte do conjunto das variedades africanas de português com substrato crioulo. Na sequência apresentamos a conclusão e as referências.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM GUINÉ-BISSAU

O português é a língua oficial de Guiné-Bissau, mas não é a língua nativa de nenhum guineense:

[...] apenas cerca de 13% dos guineenses o falam, (essencialmente como língua segunda ou terceira) e o crioulo é a língua majoritária [...]. O português até hoje não é praticamente falado como língua vernácula na Guiné-Bissau. Ele só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades. [...] (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 45, 47, 48).

Guiné-Bissau integra os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop)¹. No entanto, a abordagem que assumimos neste trabalho é a de que o português falado nesse país difere-se do português falado em outros países que integram o conjunto Palop e ainda difere-se do português falado no Brasil e do português falado em Portugal².

Uma questão importante e grande promotora do português em Guiné-Bissau são os programas de cooperação – as bolsas de estudo concedidas a jovens guineenses para estudarem no Brasil e em Portugal³. No entanto, nos *campi*, no Brasil, atestam-se os problemas de adaptação dos guineenses, que falam sobre suas dificuldades. Entre eles, a compreensão do “português falado no Brasil”. Atente-se para o trecho da entrevista a seguir:

[...] eu consegui a vaga para vir estudar aqui no Brasil ... é ... primeiro ano quando eu cheguei aqui no Brasil, eu tive bastante dificuldade em termo de língua portuguesa, porque o meu português era um pouco assim um pouco uhhh,

1 Grupo formado por mais quatro países: Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

2 Couto e Embaló (2010, p. 45) já chamaram nossa atenção para os diferentes “falares” em países de fala de língua portuguesa. Esses países integram a “Comunidade de Países de Língua Portuguesa” – CPLP.

3 Ver Couto e Embaló (2010, p. 57). No Brasil, o governo federal mantém o Convênio de Graduação e Pós-Graduação (PEC-G/PEC-PG), oferecido a estudantes de países em desenvolvimento com os quais nossas autoridades mantêm acordo. Esses estudantes vêm estudar no país em Instituições de Ensino Superior (IES).

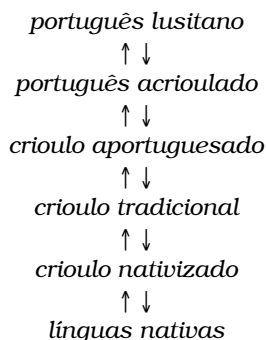
não tão assim ... assim bem claro em termo de gramática essas coisas, [...]então mesmo quando eu falava na classe, aí todo mundo ficava assim me vendo ... aí eu por isso que fiquei com receio [...] (BAIO, 2011, p. 1).

Nos intercâmbios internacionais não se tem atentado para o fato de que os estudantes oriundos de Palop, como Guiné-Bissau, adquirem o português como língua “estrangeira”: a língua portuguesa é “segunda língua” – “L₂” em nossa metalinguagem⁴.

É importante dizer que, em Guiné-Bissau, o conjunto majoritário de pessoas (crianças e adolescentes) chega à escola falando crioulo. No entanto, embora a maioria das proposições técnico-educacionais em Guiné-Bissau aponte que a implantação da língua crioula na escola primária seja uma “ponte” para se chegar à língua alvo, oficial, (o português), como se almeja, “[...] o português continua sendo a língua do ensino da primeira à 11^a classe” (cf. COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 40).

Nas cerca de vinte línguas autóctones, o português e o crioulo convivem no pequeno território guineense em um contato relativamente intenso. Portanto, Couto e Embaló (2010, p. 31) propõem um contínuo que vai desde as variedades do português lusitano, passando pelas variedades de crioulo aportuguesado e crioulo tradicional (basilectal) até as línguas nativas, como apresentamos a seguir:

(1) O Contínuo de Couto e Embaló (2010, p. 31)



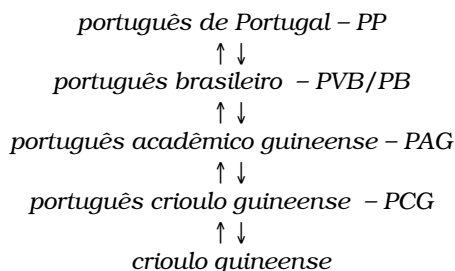
Na próxima seção, revisitamos o contínuo de Couto e Embaló e propomos a inserção do contínuo guineense ao conjunto das variedades africanas de português.

O CONTÍNUO GUINEENSE E AS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS COM SUBSTRATO CRIOULO

Com base em dois projetos de pesquisa centrados no português falado em Guiné-Bissau por estudantes do Programa PEC-G na Universidade de São Paulo⁵, revisitamos partes do Contínuo de Couto e Embaló (2010) apresentado em (1) a fim de propormos o “Contínuo Português Guineense”. Nossa proposta se vê em:

4 Sobre L₂, ver nota 6.

5 Sobre PEC-G, ver nota 3. Sobre os projetos, ver Baió (2011) e Injai (2012a, 2012b).

(2) Contínuo Português Guineense L_2 ⁶

O Contínuo proposto em (2) se difere do apresentado em (1) – de Couto e Embaló – por centrar-se em uma proposta de contínuo para o português. A proposta em (2) insere, ao contínuo, o português brasileiro (e suas variedades vernacular (PVB) e culta (PB)). Tal inserção é significativa, pois o português brasileiro está em relacionamento com o português guineense da mesma forma que o português lusitano. O contínuo proposto em (2) também se difere do proposto em (1) por inserir outra variedade na investigação do português guineense: o português acadêmico guineense (PAG). A seguir detalhamos as investigações iniciais sobre o PAG e o português crioulo guineense (PCG) na Universidade de São Paulo.

Português Acadêmico Guineense – PAG

Os trabalhos iniciais com a variedade PAG objetivam a descrição/análise inicial do seu sistema pronominal visando a um cotejo com o sistema do português vernacular falado no Brasil (PVB). As primeiras descrições sobre o PAG são apresentadas em Baio (2012), resumidas em (I) – dados (3)-(6):

(I)

- Estudos em PVB: pronomes clíticos reduzindo-se à 1^a. e 2^a. pessoas do singular ‘me’ e ‘te’/posição próclítica

Observe os dados em PP e PB⁷ que se contrapõem ao dito acima sobre o PVB:

- (3) **Eu vi-o na rua** (PP)/ **eu o vi na rua** (PB) (clíticos de 3^a. pessoa/ênclise em PP; próclise em PB)

- Primeiras descrições/análises do PAG apontam para as características do PVB – Quadro reduzido de clíticos: 1^a/2^a. pessoas/posição próclítica

- (4) **Todo mundo ficava assim me vendo**

- (5) ... **pode ter a outra coisa que pode me convencer de que Cabral não é guineense**

⁶ O termo L_2 é empregado como um termo metalinguístico neste trabalho, pois em Guiné-Bissau, a aquisição do português pode se tratar, em alguns casos, de uma L_3 . Ex.: *um guineense pode ter como L_1 , o balanta, como L_2 o crioulo e como L_3 o português.*

⁷ Português de Portugal (PP)/ português brasileiro normatizado (culto) (PB).

- (6) **Não posso te dizer que eu falo perfeitamente aquele português fluente, mas intermediário eu falo**

Português Crioulo Guineense – PCG

Nossa hipótese é a de que a variedade PCG se insira em um conjunto de variedades conhecidas na literatura como “interlíngua”⁸. Logo, o projeto inicial tem por objetivo descrever algumas das “interferências”, no âmbito do sintagma nominal e verbal, que se atestam no PCG, ligadas à língua crioula falada em Guiné-Bissau. Dados do PCG podem ser vistos no primeiro trabalho de Injai (2012a), que, entre outros, reorganiza exemplos dessa variedade apresentados por Couto e Embaló (2010). Veja a seguir em II – dados (7)-(8):

(II)

PCG – Sintagma Nominal (SN)

- (7) a. **o minha irmã**
 b. **meu mãe**
 c. **ele tem três filho fêmia**

vPCG – Sintagma Verbal (SV)

- (8) a. **eu não ouve português** (por “eu não entendo português”)
 b. **eu não tinha tempo** (por “tive”)
 c. **a minha namorada estive em Portugal** (por “está”)

A falta de flexão, ou “problemas com flexão”, que se atesta no PCG, exemplificados em (8), poderia ser explicada pela “interferência”, no português, da língua crioula de Guiné-Bissau (que não atesta o sistema de flexão em sua morfosintaxe verbal)⁹.

No tocante ao SN, a análise dos dados em PCG (e em PAG) aponta ainda para a marcação da concordância nominal no determinante, e não no nome, como se vê abaixo em um dado de PCG¹⁰:

- (9) **no mínimo vai fazer uns dez ano na Guiné... E o dez ano é influenciado pela ... pelo crioulo de... Cabo Verde**

A concordância marcada no elemento “funcional” e não no elemento lexical [**uns dez ano**] aproxima a variedade PCG de muitas variedades vernaculares do português que vêm sendo estudadas no Brasil e também na África – ver, entre outros, Figueiredo (2010)¹¹.

8 Sistemas transicionais. Sobre o PCG, ver Injai (2012a, 2012b).

9 As línguas crioulas apresentam reduzidos exemplos de flexão e seu sistema de marcação de tempo/modo/aspecto se dá por meio de partículas. Logo, são línguas do tipo “sem incorporação morfológica” (cf. KIHM, 1994, p. 84).

10 Injai (2012a), dado reenumerado.

11 No entanto, atente ainda para concordância/falta de concordância que se veem nos dois pares de determinantes [**o dez ano**] na mesma sentença. Isso é uma característica de falantes de sistemas transicionais (interlínguas) como o PCG.

Neste trabalho propomos ainda que o “Contínuo Guineense L_2 ” (2) seja inserido nas “Variedades Africanas de Português com Substrato Crioulo”. Logo, ampliamos a proposta que se vê em Figueiredo (2010, 2.1.1.) como segue:

- (10) Variedades Africanas de Português com Substrato Crioulo – Revisitando Figueiredo (2010, 2.1.1.)
- (i) Português cabo-verdiano (e seu substrato: crioulo de Cabo Verde)
 - (ii) Português de almorixe (e seu substrato: crioulo de São Tomé)
 - (iii) Contínuo português guineense L_2 (e seu substrato: crioulo de Guiné-Bissau)
- ver contínuo em (2)

CONCLUSÃO

Neste trabalho apresentamos o Contínuo Português Guineense L_2 , revisitando Couto e Embaló (2010) e inserindo-o nas variedades africanas de português com substrato crioulo. Introduzimos ainda os primeiros resultados das pesquisas com duas variedades de português guineense: “português acadêmico guineense” (PAG) e “português crioulo guineense” (PCG).

As primeiras descrições/análises do PAG apontam similaridades com o sistema pronominal do português falado no Brasil em um aspecto que parece ser bem abrangente em grande parte do país: ausência de clíticos de 3ª pessoa e posição proclítica. Esse fato se difere da gramática do português de Portugal (que atesta todos os clíticos e prefere a posição enclítica). Logo, ratificamos a aproximação do sistema pronominal guineense ao sistema brasileiro (vernacular), distanciando-se do sistema pronominal de Portugal.

As primeiras descrições/análises do PCG apontam para as interferências com a língua crioula de Guiné-Bissau. Estudos como esse são de importância para uma melhor compreensão da aquisição e aprendizagem de uma segunda língua.

Pesquisas sobre o PAG e PCG nos permitem ainda problematizar outro aspecto bastante pertinente relacionado ao Programa Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G) proposto pelo Ministério da Educação no Brasil. O fato relaciona-se ao que poderíamos chamar hoje de “quesito invisibilidade” atrelado à “proficiência em língua portuguesa” aos candidatos oriundos da chamada “Comunidade de Países de Língua Portuguesa” (CPLP). Pesquisas como o PAG e PCG podem auxiliar a que se evidencie que, estudantes oriundos da CPLP (em que Guiné-Bissau se insere) falam português como “língua estrangeira”.

REFERÊNCIAS

BAIO, J. P. *Corpus da pesquisa de Iniciação Científica: “aspectos do sistema pronominal no ‘português acadêmico guineense’ – um cotejo com o português vernacular brasileiro”*. Transcrição da Entrevista (1): João Paulo Baió. Universidade de São Paulo, 2011. Manuscrito.

BAIO, J. P. Primeiras abordagens sobre a subvariedade ‘Português Acadêmico Guineense’. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – GEL, 60., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

- COUTO, H.; EMBALÓ, F. *Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP. Pápiá*, v. 20, 2010.
- DONEUX, J. L.; ROUGÉ, J.-L. *En apprenant le creole a Bissau ou Ziguinchor*. Paris: L'Harmattan, 1988.
- FIGUEIREDO, C. F. G. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional*. 2010. v. 1 e 2. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Português, Universidade de Macau, Macau, 2010.
- HOLM, J. *Introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HOLM, J. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- INJAI, B. F. S. *Corpus da pesquisa de Iniciação Científica: “aspectos morfossintáticos da subvariedade português crioulo guineense”*. Universidade de São Paulo, 2012a. Manuscrito.
- INJAI, B. F. S. A subvariedade “Português Crioulo Guineense” – Primeiros Tratamentos. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL), 60., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012b.
- KIHM, A. *Kriyol syntax: the Portuguese-based Creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- MOTA, A. T. da. A descoberta da Guiné – I – Evolução do Problema. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa I*, v. 1, n. 001-004, p. 15-68, 1946. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt>> Acesso em: 2 jan. 2012.
- OLIVEIRA, M. S. D.; HOLM, J. Estruturas-QU fronteadas e o “foco gramaticalmente controlado” – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *Pápiá*, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 23-38, 2011.

OLIVEIRA, M. S. D. de; BAIO, J. P.; INJAI, B. F. "Guinea Bissau's Continuum Portuguese" introduced to the African varieties of Portuguese. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 130-137, 2013.

Abstract: *In this paper, we present the “Guinean Portuguese L2 Continuum” inserting it in the African Portuguese varieties with Creole substrate. For such, we make a review of the Continuum presented in Couto and Embaló (2010) and also of the ‘African Portuguese varieties’ proposed by Figueiredo (2010). We introduce also the first results of a research with two Portuguese varieties spoken in Guinea Bissau: “Academic Guinean Portuguese” and “Creole Guinean Portuguese”.*

Keywords: *Guinean Portuguese continuum; African Portuguese varieties; creole substrate.*

Recebido em setembro de 2012.

Aprovado em setembro de 2012.